

LINGUASAGEM

FAKE NEWS E CORONAVÍRUS: UMA ANÁLISE DOS DISCURSOS DISSEMINADOS NO BRASIL¹

Mercia Sylvianne Rodrigues Pimentel²
Kamilla Abely Dias Gomes³
Natália Luísa Ágatha Leal Figueiredo⁴
Mariângela Martins de Almeida⁵

RESUMO

Este artigo busca analisar os discursos presentes nas *fake news* sobre o novo coronavírus disseminados no contexto brasileiro, com o intuito de perceber os sentidos dominantes, grupos afetados e linha ideológica materializados nos textos. A metodologia consistiu em recolher informações falsas veiculadas de março de 2020 a março de 2021, extraindo blocos de sequências discursivas (SDs) relacionadas à pandemia. A Análise do Discurso franco-brasileira foi utilizada como referencial teórico-metodológico, aliada a outros dispositivos analíticos. Com o estudo, foi possível concluir que as *fake news* veiculam discursos negacionistas, de redução da gravidade da pandemia, com falsos métodos de prevenção e tratamento, além do reforço de estereótipos e ataques preconceituosos a grupos étnicos, etários e de orientação sexual dentro do contexto da doença infecciosa.

PALAVRAS-CHAVE: Fake news; Discurso; Pandemia; Coronavírus; Brasil

ABSTRACT

This article seeks to analyze the discourse presente in the fake news about the new coronavirus disseminated in the Brazilian context, in order to understand the dominant meanings, affected groups and ideological line presente in these speeches. The methodology consisted of collecting false news from March 2020 to March 2021 about the pandemic. The Franco-Brazilian Discourse Analysis was used as a theoretical-methodological framework, combined with other analytical devices. With the study, it was possible to conclude that fake news related to the disease generates meanings of fear and informational disorder while

¹ Este artigo resulta de um trabalho parcial de iniciação científica desenvolvido pelas pesquisadoras do ANALISA – Laboratório de Análise Discursiva de Fake News no período de 2020 a 2022.

² Professora doutora do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e coordenadora do projeto de pesquisa ANALISA - Laboratório de Análise Discursiva de Fake News (PIBIC), e-mail: mercya.pimentel@ichca.ufal.br.

³ Graduanda em Jornalismo pela UFAL e pesquisadora PIBIC, e-mail: kamillaabely7@gmail.com.

⁴ Graduanda em Jornalismo pela UFAL e pesquisadora PIBIC, e-mail: natalialuisaf99@gmail.com.

⁵ Graduanda em Jornalismo pela UFAL e pesquisadora PIBIC, e-mail: mari.martinsa@gmail.com.

broadcasting negationist speeches, reducing the severity of the pandemic, with false methods of prevention na treatment, in addition to reinforcing stereotypes and attacks prejudiced Against ethnic, age and sexual orientation groups within the context of infectious disease.

KEYWORDS: Fake News; discourse; pandemic; coronavirus; Brazil

Apresentação

A pandemia do novo coronavírus, com seus pouco mais de três anos⁶ de disseminação, afetou significativamente a vida das sociedades, atingindo não apenas o campo da saúde, como também as esferas política e econômica. Os noticiários foram alimentados diariamente com informações sobre formas de prevenção e riscos de contágio, orientando a população sobre a necessidade de isolamento social para evitar que houvesse aumento progressivo dos casos, sobrecarga no sistema de saúde e aparecimento de vítimas fatais.

Entretanto, a disseminação do vírus foi aumentando vertiginosamente no Brasil, levando o país a uma profunda crise sanitária e trazendo consequências em diversos setores. Ao mesmo tempo em que as estatísticas demonstravam crescimento no número de contaminados, mais *fake news* relacionadas à doença circulavam. Entendemos como *fake news* “notícias fraudulentas” (Silva *apud* Bucci, 2018, p. 22) ou mesmo “artigos noticiosos que são intencionalmente falsos e aptos a serem verificados como tal, e que podem enganar os leitores” (Allcott; Gentzkow, 2017, p. 4).

Diante desse contexto, analisamos discursivamente *fake news* que circularam no Brasil sobre a Covid-19, de modo a compreender suas condições de produção e os sentidos (re)produzidos. Com a pesquisa ainda em curso durante a pandemia do novo coronavírus e dada a necessidade de constituição do *corpus* discursivo, recolhemos *fake news* publicadas em perfis de usuários das redes sociais durante o período de 11 de março de 2020, quando a Organização Mundial de Saúde (OMS) decretou a pandemia, até março de 2021, quando as autoridades sanitárias discutiam sobre a segunda onda de contágio e o aparecimento de novas cepas do vírus em circulação. Essas informações recolhidas foram identificadas como falsas por agências de checagem de fatos, como a *Lupa* e a *Aos Fatos*.

Utilizamos como referencial teórico-metodológico a Análise do Discurso franco-brasileira aliada a outros dispositivos analíticos. Após reunião do corpora, dividimos as *fake*

⁶ Maio de 2023 é a data histórica em que a Organização Mundial da Saúde (OMS) decretou o fim da pandemia, após três anos e três meses desde a adoção da emergência global - em janeiro de 2020.

news em sequências discursivas distribuídas em três blocos de sentidos: no primeiro bloco, está a abordagem dos discursos negacionistas e de falsos métodos de prevenção e cura da doença; no segundo bloco, os discursos xenófobos contra a China - país que identificou o primeiro caso do novo coronavírus (SARS-CoV-2) e, no terceiro e último bloco, estão os discursos preconceituosos contra os grupos de risco da Covid-19, como pessoas idosas e portadores de HIV. Além disso, para teorização do estudo foram utilizadas as considerações de Allcott e Gentzkow (2017), Melo (2003), Recuero e Gruzd (2019), Amaral (2007), Cabral e Bárbara (2012), Maldidier (2003), Sacramento (2020), Orlandi (2020), entre outros autores.

Discurso das *fake news* e a cultura da desordem informacional

Retomando a definição de Allcott e Gentzkow (2017), segundo a qual *fake news* são textos forjados intencionalmente de modo a enganar leitores, diríamos que as *fake news* criam desordem informacional, confundindo e ao mesmo tempo enganando o sujeito leitor. Elas não cabem no gênero artigo, conforme classificação de Melo (2003), porque não são estruturadas como texto de opinião, mas muitas delas assemelham-se à estrutura do gênero notícia, o que faz com que muitas pessoas compartilhem a falsa informação ali contida acreditando ser factível, real.

De acordo com Recuero e Gruzd (2019, p. 32), o “conceito de *fake news* é hoje sinônimo de desinformação, utilizado livremente pelos veículos noticiosos para indicar rumores e notícias falsas que circulam, principalmente, na mídia social”. A produção de notícias falsas mantém relação intrínseca com o fenômeno ideológico da pós-verdade, ou seja, o compartilhamento de informações baseadas em visões políticas, crenças e valores pessoais⁷.

Sobre isso, um caso de polarização política em relação ao compartilhamento de notícias falsas ocorreu durante a pandemia do coronavírus, em meados de abril de 2020, quando grupos políticos de ideologias antagônicas compartilharam *fake news* sobre o desenvolvimento de uma vacina contra o coronavírus.

Indivíduos cujos enunciados permitem associá-los a ideologias de esquerda compartilharam a falsa notícia afirmando que a vacina estava sendo produzida em Cuba⁸,

⁷ Reconhecida em 2016 como a palavra do ano, foi definida pelo Dicionário Oxford como “circunstâncias em que os fatos objetivos influenciam menos na formação da opinião pública que referências a emoções e crenças pessoais”. Conferir matéria no site G1: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/pos-verdade-e-eleita-a-palavra-do-ano-pelo-dicionario-oxford.ghtml>

⁸ Cuba anuncia que produz vacina contra o coronavírus que está sendo usado na China e já curou 1.500 pessoas. Disponível em <http://archive.is/8mG7r>. Acesso em: 14 abr. 2020.

enquanto os que se filiavam a uma ideologia de direita reproduziram outra *fake news* que dizia vir a vacina de Israel⁹. A notícia jornalística afirma ainda não existir vacina para conter a Covid-19, pois as pesquisas ainda estavam em andamento, sendo feitos vários testes antes que algum imunizante fosse apresentado com segurança¹⁰.

Tomando esse exemplo de especulação em torno da vacina, podemos perceber que as *fake news* se inserem como dispositivo de manipulação do sentido, cujo funcionamento depende da orientação ideológica de quem reproduz. Há, também, outro aspecto a ser destacado, que é a participação de empresas criadoras de *fake news* nesse processo de ideologização das informações. Perfis de pessoas reais administram perfis falsos nas redes sociais, e por meio do uso da inteligência artificial, programam robôs para realizarem o disparo em massa de notícias falsas, de modo a mascarar os reais patrocinadores das postagens, fazendo as mensagens parecerem espontâneas e gerando falsa unanimidade. Essa prática, conhecida como *astroturfing*, é adotada no marketing de organizações privadas. Ocorre quando empresas criam comentários positivos sobre seus produtos ou serviços ou pagam para que essas mensagens sejam publicadas em outros perfis, gerando a falsa impressão de que tais mensagens são oriundas do público.

Discursos negacionistas, xenófobos e preconceituosos em rede

As sequências discursivas foram organizadas em blocos interdiscursivos parafrásticos e ao mesmo tempo polissêmicos, pois como salienta Amaral (2007, p. 293), as paráfrases não são apenas entendidas

como construções linguísticas constituídas por uma relação em que um enunciado a contém um enunciado b, pressupondo-se um sistema de classes de equivalência linguística, mas como mecanismos de pôr em ação o processo interdiscursivo constitutivo do discurso.

O primeiro bloco de SDs foi constituído a partir da repetição parafrástica do trinômio prevenção-combate-cura do coronavírus, conforme apresentado abaixo:

⁹ Israel sai na frente e já tem vacina contra Covid-19. Print disponível em:

<https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/wp-content/uploads/2020/03/printjornal21brasik.png>. Acesso em: 14 abr. 2020.

¹⁰ Assim como Cuba, Israel não desenvolveu vacina contra o novo coronavírus. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/03/assim-como-cuba-israel-nao-desenvolveu-vacina-contr-o-novo-coronavirus.shtml>. Acesso em: 14 abr. 2020.

Bloco 1

SD 1: Professor e médico da Unifesp afirma que o vírus está longe de ser letal

SD 2: Água quente é capaz de matar o vírus

SD 3: Remédio de piolho pode matar coronavírus

SD 4: Chá de abacate com hortelã cura e previne o coronavírus

SD 5: Vitamina C mais zinco combatem o novo coronavírus

SD 6: Chá imunológico combate o novo coronavírus

Tomando a SD 1 para análise, observamos, inicialmente, uma prática bastante utilizada em textos jornalísticos, que é o recurso à autoridade. Ele é empregado para conferir à notícia um valor de credibilidade, pois o sujeito se diz conhecedor do assunto, sendo suas declarações apreendidas para subsidiar a matéria.

Os dizentes são pessoas dotadas de autoridade para prestar declarações ou fazer depoimentos em notícias de jornais. São eles representados principalmente por nomes próprios ou nomes comuns que identificam o cargo ou a função, de modo a indicar essas fontes como oficiais e conferir autoridade aos depoimentos apresentados. As formas verbais predominantes, por sua vez, são as de terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, já que a notícia se ocupa de narrar fatos já acontecidos (Cabral; Bárbara, 2012, p. 600).

Esse recurso foi utilizado na construção do título da informação falsa (SD 1), por meio do uso das posições-sujeito *professor e médico*. Ao supostamente trazer a voz de um especialista no assunto – oriundo de uma reconhecida universidade federal – associada ao sentido de não letalidade do vírus, a informação parece ser verdadeira. Em outras palavras, a simulação da existência de uma voz de autoridade no assunto é mobilizada para fazer a *fake news* parecer confiável e assim ser lida e compartilhada pelo leitor.

Em SD 2 e SD 3, aparecem soluções fáceis para “matar o coronavírus”: água quente e remédio para piolho, o que induz o leitor a acreditar no engodo, replicar e testar em casa. Ambas as sequências discursivas trazem também, respectivamente, os termos modalizadores “capaz” e “poder”, expressando o sentido reverso de que as alternativas podem ser falíveis.

Nas sequências seguintes (SD 4, SD 5 e SD 6), aparecem fórmulas naturais para prevenir e/ou combater a doença. Numa busca rápida pela internet, localizamos diversos outros milagres caseiros considerados úteis à resolução do problema. Entre as SDs citadas, vemos na SD 4 a mistura de chá de folhas de abacate com hortelã para curar e também prevenir o

coronavírus, enquanto as outras duas sequências dizem que as misturas apresentadas (vitamina C mais zinco e chá imunológico) são eficazes para combatê-lo.

O que há em comum em todos esses recortes de *fake news* é a interdiscursividade, entendida como a “relação do discurso ao ‘já dito’, ‘já ouvido’” (Maldidier, 2003, p. 51). Todas essas SDs reforçam já ditos parafrásticos e polissêmicos de prevenção e cura do coronavírus e reproduzem, sobretudo, os sentidos de minimização da gravidade da doença e a negação do fazer científico. Esses sentidos estão presentes não apenas no bloco de *fake news* analisado, como também dialogam com o pronunciamento do presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, sobre o coronavírus ser considerado uma “gripezinha”, um “resfriadinho”, nas palavras dele¹¹.

Segundo Aggio (2021), o discurso da negação da ciência tem como base teorias revisionistas e conspiratórias, acrescentamos a isso interesses políticos e/ou econômicos. As teorias da conspiração podem ser definidas como uma “tentativa de explicação de um evento passado, presente ou futuro que elege como causa primária de sua ocorrência o envolvimento obscuro de um pequeno grupo de pessoas poderosas que atua em favor de seus interesses e contra o bem comum” (Uscinsky *apud* Aggio, 2021, p. 64). Levando em consideração as teorias conspiratórias que embasam algumas *fake news*, apresentamos o próximo bloco de SDs:

Bloco 2

SD 7: Novo coronavírus foi criado em laboratório da China

SD 8: Surto de coronavírus tem origem na sopa de morcego ingerida por chineses

SD 9: Máscaras de doação da China são contaminadas com coronavírus

SD 10: Ao estourar plástico bolha, lembre que o ar vem da China

Uma leitura de varredura das sequências já permite perceber que o país chinês é mencionado em todas as *fake news*, seja como criador do coronavírus (SD7 E SD 8) ou disseminador dele (SD 9 e SD 10). Para compreendermos os sentidos reproduzidos neste bloco, recorreremos às condições de produção dos discursos, amplas e restritas. O embate discursivo envolvendo os sistemas político-econômicos capitalista e socialista subsidia a produção e circulação de sentidos que atacam a China ideologicamente, uma vez que a história intervém

¹¹ Em pronunciamento nacional veiculado em rádio e TV no dia 24 de março de 2020, o presidente Jair Bolsonaro disse: “Pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria acometido, quando muito, de uma *gripezinha* ou *resfriadinho* (*sic*), como bem disse aquele conhecido médico, daquela conhecida televisão”. Extraímos o conteúdo da matéria da BBC Brasil “Relembre frases de Bolsonaro sobre a covid-19”, de 07 de julho de 2020.

para que a língua faça sentido, e o sujeito é um efeito ideológico elementar, que é condição de existência de ideologia ao mesmo tempo em que a ideologia interpela indivíduos para que se tornem sujeitos.

Acusar a China se tornou prática corriqueira do bolsonarismo, que aponta o país como manipulador de informações. Discursos contra a ideologia chinesa são espalhados por altos membros do governo Bolsonaro e autoridades de perfil de direita, que negam a ciência e são contra as medidas de proteção e controle à Covid-19. Teorias conspiratórias embasam diversas informações falsas, gerando sentidos de medo e desconfiança. Um exemplo disso são as *fake news* que dizem que o vírus foi produzido pelo *Programa Secreto de Armas Biológicas da China* e/ou que resultou de um derrame no *Instituto de Virologia de Wuhan* (local onde descobriram os primeiros casos de contágio da doença). Como alvo, o país asiático é satirizado, ridicularizado e ideologizado por essas notícias falsas que beneficiam os grupos que acreditam e apoiam essas teorias conspiratórias e ideológicas.

Sacramento (2020) esclarece que a história de discriminação em relação aos chineses tem uma longa duração. Segundo o autor, o macarthismo estadunidense foi fundamental para a construção do pensamento conservador brasileiro sobre a China, que passou a ser conhecida como parte do “perigo vermelho” para o Brasil assim como para os Estados Unidos e outros países.

O discurso do “perigo vermelho” chinês ganhou força especialmente no sentido militar, e o perigo iminente que ele representa encontrou ressignificação em argumentos usados para mobilizar o patriotismo, o nacionalismo e a mobilização do verde e amarelo, pautando a ideia de que a bandeira brasileira jamais será vermelha. Assim as SD 7 e SD8 se apoiam em uma memória discursiva usada pelo bolsonarismo.

A ameaça comunista se tornou uma das maiores justificativas para o golpe de 1964. No contexto mais recente, ela foi usada para o voto em Jair Bolsonaro para presidente e para o seu apoio enquanto chefe do Executivo. As aproximações entre os dois momentos históricos são constantes. O bolsonarismo, recorrentemente, compartilha de uma ideia do combate ao comunismo, semelhante ao movimento ideológico que permitiu a consolidação da ditadura militar no Brasil (Sacramento, 2020).

Em ambas as materialidades encontramos discursos apoiados na ideologia disseminada pelo bolsonarismo que responsabilizam a China pelo surgimento e disseminação do vírus. Na primeira materialidade apresentada neste bloco, o vírus é apresentado como algo novo criado em laboratório chinês; o uso da palavra “criado” implica em uma propositariedade chinesa, o

que reforça o discurso que culpabiliza o país. Por sua vez, a SD 8 apresenta uma origem para o surto de coronavírus: a ingestão de uma iguaria que não é comum na China – a falsa ideia de que a sopa de morcego teria dado origem ao surto de coronavírus surgiu por meio de vídeos que supostamente mostravam chineses consumindo tal iguaria - o sentido reproduzido nesta *fake news* se ancora em discursos preconceituosos e xenófobos.

A SD 9 e SD 10 reforçam esse olhar xenófobo e a ideia de que o vírus está atrelado à China, apresentando o país como ‘contaminado’ e/ou sujo, com máscaras e o próprio ar vindos de lá responsáveis por espalhar o vírus. Na SD 9, máscaras doadas pela China são ditas como contaminadas, reforçando o sentido disseminado de que o país teria interesse em espalhar o vírus mundialmente, proporcionando caráter político e ideológico ao apontar a ação como parte do “Plano Comunista” e da “ameaça vermelha”. A informação falsa teve ampla circulação durante o mês de abril de 2020, quando o Brasil distribuiu máscaras de proteção confeccionadas pela China aos profissionais de saúde da linha de frente do tratamento dos infectados pela Covid-19. Vale ressaltar que ainda em abril de 2020, o então ministro da Educação, publicou em rede social postagem com insinuações sobre a intencionalidade da China de provocar a pandemia para ampliar sua supremacia como superpotência. Tal postagem era acompanhada pelo personagem Cebolinha da Turma da Mônica, que é conhecido por trocar a letra “r” pela “l”, e foi escrita com a mesma alteração fonética, reforçando um estereótipo chinês preconceituoso de um modo chinês de falar português.

O dito e o não-dito se apresentam na SD 10, uma vez que, segundo Orlandi (2020), o dito traz consigo necessariamente o não dito, mas presente. Considerando que há sempre no dizer um não dizer necessário, em “lembre que o ar vem da China” há um alerta ao leitor sobre o “perigo do ar chinês”, retomando todo o arcabouço de *fake news* antes disseminadas sobre o país, além do preconceito e da xenofobia presentes no discurso. Sem fundamentação científica, a *fake news* alerta para o perigo de estourar plástico bolha e assim entrar em contato com o ar vindo da China, que é visto como contaminado, já que a doença tem sua origem naquele país, que também tem interesses em disseminar o vírus.

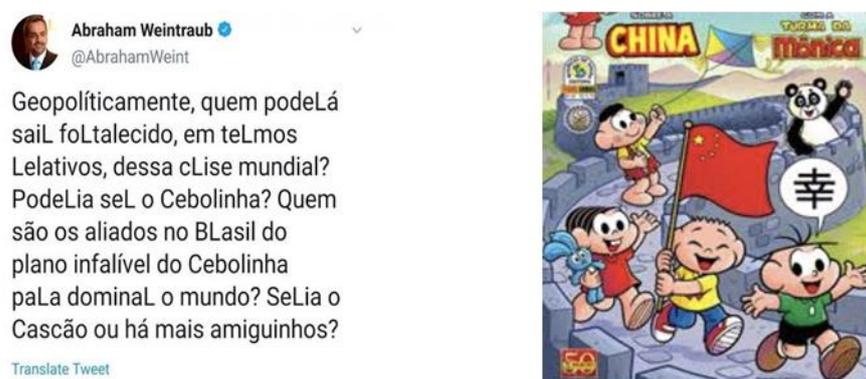


Figura 1 - Postagem xenófoba sobre relação entre China e a pandemia da Covid-19¹²

O próximo bloco de *fake news* traz uma relação interdiscursiva com os sentidos que circulam envolvendo grupos de risco:

Bloco 3

SD 11: HIV e coronavírus têm vírus semelhantes

SD 12: Nos anos 80 foi usado tratamento precoce não comprovado contra o HIV

SD 13: Idoso que sair de casa terá aposentadoria cortada

SD 14: Coronavírus afeta somente idosos

A SD 11 apresenta o HIV e o coronavírus como vírus semelhantes. Considerando que, historicamente, o HIV foi associado à homossexualidade, a sequência discursiva une diversos preconceitos contra a comunidade LGBTQIA+, além de associar a orientação sexual – homossexualidade – a uma doença. O surgimento da AIDS, no início dos anos 80, foi um fenômeno social e histórico, que trouxe diversas dúvidas e mobilizou sentimentos e preconceitos que influenciaram o imaginário social e fez nascer concepções negativas acerca da doença, estigmatizando-a. Concomitantemente, o estigma social em torno dos que eram considerados grupos de risco (homossexuais, usuários de drogas e profissionais de sexo) também fortaleceu o preconceito a homossexuais.

Toda essa discursividade reforça os discursos ideológicos determinantes do processo de produção de sentidos na conjuntura histórica atual presentes nas SD 11 e 12, pois não se

¹² Fonte: Print extraído da publicação do ex-ministro da Educação, Abraham Weintraub, no Twitter, no dia 4 de abril de 2020 (@AbrahamWeint). O post foi apagado após polêmicas e repúdio da Embaixada da China no Brasil. Mais informações na matéria da Uol: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/04/04/coronavirus-weintraub-usa-cebolinha-para-provocar-china-e-web-nao-perdoa.htm>

trata de uma simples repetição, mas de uma reformulação que repete e atualiza, mexendo na memória, deslocando e fazendo rearranjos nas filiações de sentido. Segundo Sobrinho (2014, p. 1122),

todo discurso é constituído a partir de uma memória, que é retomada de ditos e condições anteriores e que são trazidos à atualidade enquanto repetição com diferenças significativas, uma vez que as condições de produção não são mais as mesmas. Pela paráfrase, o dito se repete, tenta ancorar e estabilizar sentidos, mas, simultaneamente, atua o processo polissêmico que fecunda as derivas e rupturas, possibilitando mudanças e/ou transformações. No movimento do mesmo (paráfrase) ocorre o deslocamento, o deslize de sentidos (polissemia). Assim, percebemos que o discurso é aberto, estando em permanente processo.

Essa discursivização em processo está presente nas próximas sequências discursivas (SD 12 e SD 13), que dizem respeito aos sujeitos considerados velhos na sociedade atual: a primeira usa do artifício de ameaçar para manter o controle, já a segunda afirma que o vírus afeta somente idosos. Ambas se completam: de um lado, gera medo de contrair a doença enquanto grupo de risco; de outro, ameaça ter a fonte de renda do aposentado cortada pelo governo.

Ambas as sequências discursivas apresentam o sentido de velhice atrelado aos interesses do sistema capitalista, aos conflitos sociais e aos embates históricos da atualidade em seu processo dinâmico e contraditório. Nessa perspectiva, retomamos Orlandi (2020) ao afirmar que é no discurso que podemos observar a relação entre língua e ideologia, e que a língua produz sentido por e para os sujeitos. Sujeito este que está inserido na sociedade capitalista cuja base material é fundada na divisão e exploração do trabalho e na propriedade privada dos meios de produção, tornando tudo mercadoria, inclusive o próprio sujeito.

Trazendo à luz a SD 14 – *Coronavírus afeta somente idosos*, encontramos uma reconfiguração no sentido devastador da doença (Covid), uma vez que a materialidade tornea/contorna as contradições capitalistas do sentido da velhice, mostrando o velho como o sujeito que “já deu o que tinha que dar na vida”. Assim, o idoso é visto como algo a ser descartado mais facilmente, já que passa a ser considerado inativo/improdutivo em uma sociedade que, segundo Marx (1985), preza pela reprodução do capital. Desta forma tal sequência discursiva, enquanto prática sócio-histórica, organiza-se por meio de um enunciado que parece ter se estabilizado socialmente, onde o sujeito só interessa enquanto produz.

De modo geral, diante dessas materialidades, recuperamos a memória discursiva do velho que mantém/reproduz os interesses dominantes do capital. Assim, o idoso é visto em uma sociedade capitalista como aquele que não mais produz, paralelamente a essa improdutividade vem a aposentadoria. Ora, se em uma sociedade capitalista o trabalhador vende sua força de trabalho e o ciclo da vida é ressignificado pela relação com a produção – “a infância e a adolescência seriam o período de formação; já a velhice seria a idade do repouso, o período do não trabalho” (Peixoto *apud* Sobrinho, 2014, p. 1125) – a SD 13 (Idoso que sair de casa terá aposentadoria cortada) intensifica os sentidos que atendem às necessidades da sociedade capitalista, mostrando a velhice negativamente na base material da produção, que visa à reprodução da lógica da mercadoria e coisifica o sujeito.

Considerações finais

A veiculação de *fake news* sobre a pandemia da Covid-19 impactou diretamente a saúde da população brasileira, posto que o aumento de casos confirmados e número de mortes expressivo foi uma realidade nos noticiários diários do país. Muitas *fake news* foram, inclusive, construídas seguindo a estrutura do gênero notícia, o que fez com que o usuário das redes sociais acreditasse na suposta veracidade do texto e compartilhasse sem verificar a procedência da informação, gerando desordem informacional.

Nesse contexto, sendo a desinformação um problema social e com potencial para afetar negativamente a estrutura de saúde do Brasil em relação à pandemia do coronavírus, a realização de análises discursivas é um caminho eficiente para compreender e desmistificar a propagação das falsas informações.

Por meio das análises, foi possível identificar alguns elementos presentes nessa cultura de desinformação e problemáticas padronizadas, como a crescente ocorrência de discursos negacionistas e xenófobos, além da reprodução de declarações ofensivas e preconceituosas, que destacam a intolerância e discriminação a minorias, como portadores de HIV, idosos e pessoas da comunidade LGBTQIA+. Vale destacar os limites do trabalho, visto que esta pesquisa contempla um recorte e não abrange todos os elementos presentes nesses discursos - o que só seria possível em um estudo mais amplo e talvez feito em rede.

No caso do negacionismo, tornou-se comum o uso de personagens com voz de autoridade, como professores e médicos, para mascarar as falsas informações e criar uma relação de confiança com os leitores. Em meio a tantas teorias e especulações desenvolvidas,

as *fake news* do coronavírus possuem frequentemente um ponto convergente: fazer com que os leitores acreditem cada vez menos na letalidade da Covid-19 e nas consequências da pandemia.

Análises discursivas como esta que apresentamos são propostas eficazes de letramento informativo para os usuários da internet, uma vez que contribuem para a reflexão crítica do sujeito potencial receptor de *fake news*. Ao ler e refletir criticamente sobre discurso enganoso recebido, o sujeito tende a quebrar a corrente de compartilhamento de informações fraudulentas e orientar outros usuários a respeito dessa prática, o que contribui para a criação de uma cultura de conscientização da sociedade acerca dos perigos da desinformação.

REFERÊNCIAS

AGGIO, Camilo. Teorias conspiratórias, verdade e democracia. *In*: ALZAMORA, Geane; Moreira, CONRADO Mendes e RIBEIRO, Daniel Melo (Org.). **Sociedade da desinformação e infodemia**. Belo Horizonte, MG: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2021 (Olhares Transversais; v. 1).

ASSIM como Cuba, Israel não desenvolveu vacina contra o novo coronavírus. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/03/assim-como-cuba-israel-nao-desenvolveu-vacina-contr-o-novo-coronavirus.shtml>>. Acesso em: 14 abr. 2020.

BOUNEGRU, L. *et al.* A field guide to fake News, **Data Lab**, 2017. Retrieved from <http://fakenews.publicdatalab.org/>.

CARDOZO, Missila Lourdes. Twitter: microblog e rede social, **Caderno.Com**, São Caetano do Sul, v. 4, n. 2, p. 24-38, 2009.

CUBA anuncia que produz vacina contra o coronavírus que esta sendo usado na China e já curou 1.500 pessoas”. Disponível em <<http://archive.is/8mG7r>>. Acesso em: 14 abr. 2020.

DELMAZO, Caroline e VALENTE, Jonas. Fake news nas redes sociais online: propagação e reações à desinformação em busca de cliques, **Media e Jornalismo**, Imprensa da Universidade de Coimbra, n. 32, vol. 18, 2018. Disponível em https://doi.org/10.14195/2183-5462_32_11.

DICIONÁRIO Cambridge. Disponível em: <<https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/astroturfing>>. Acesso em: 14 abr. 2020.

ISRAEL sai na frente e já tem vacina contra Covid-19. Print disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/wp-content/uploads/2020/03/printjornal21brasik.png>> Acesso em: 14 abr. 2020.

MARX, K. **O capital**. 10.ed. São Paulo: Difel, 1985. Livro 1. v. I, II.

NADAL, S. R.; MANZIONE, C. R. Identificação dos grupos de risco para as Doenças Sexualmente Transmissíveis. **Rev. Bras. Coloproctol**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, p. 128-129, 2003.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 13ª Edição. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.

ORLANDI, Eni P. **Texto e discurso**: formulação e circulação dos sentidos. Campinas/SP: Pontes, 2008.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni Orlandi *et al.* Campinas/SP: Editora da Unicamp, 1997.

'PÓS-VERDADE' é eleita a palavra do ano pelo Dicionário Oxford. Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/pos-verdade-e-eleita-a-palavra-do-ano-pelo-dicionario-oxford.ghtml>>. Acesso em: 14 abr. 2020.

RECUERO, Raquel e GRUZD, Anatoliy. Cascatas de *fake news* políticas: um estudo de caso no Twitter, **Galaxia** (São Paulo, *online*), n. 41, mai-ago., 2019, p. 31-47.

SACRAMENTO, Igor. A melodramatização da pandemia: a Covid-19 e as dinâmicas de representação do inimigo. In: BARBOSA, Mariana; SACRAMENTO, Igor (Org.). **Vozes consoantes**: comunicação e cultura em tempos de pandemia. 1. Ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2020, p. 116-132.

SOBRINHO, Helson Flávio da Silva. O discurso sobre velhice e as tentativas do capital de tornar suas contradições. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, 43 (3): p. 1118-1128, set-dez 2014.

Como referenciar este artigo:

PIMENTEL, Mercya Sylvianne Rodrigues *et al.* *Fake news* e coronavírus: uma análise dos discursos disseminados no Brasil. **revista Linguagem**, São Carlos, v.44, n.1, p. 22-34, 2023.

Submetido em: 25/10/2021

Aprovado em: 15/09/2023